

O SUBALTERNO E O DISCURSO COMO RESISTÊNCIA: UMA DUPLA SUBALTERNIDADE, POBRE E PRESO

Abdias Correia de Cantalice Neto^{*}

Universidade Estadual da Paraíba

Resumo: O presente artigo analisa *Memórias de um sobrevivente*, de Luiz Alberto Mendes, que, por ter sido produzida sobre a experiência de cárcere, se coloca na condição de literatura testemunhal e seu autor assume uma condição de subalterno. A construção da obra se dá através de recursos de memória e se enquadra naquilo que se convencionou chamar de literatura de testemunho. Sendo, portanto, obra literária propícia aos estudos da memória e da sociologia, pois conserva em si, além da própria característica literária, inúmeras outras possibilidades interpretativas. A obra traz elementos da memória e da história de vida do próprio autor, narrando os momentos críticos vivenciados por ele na infância, sufocada pelo pai, na adolescência, enclausurado nos reformatórios, e sua fase adulta, já num presídio de São Paulo. Momentos de fortes relações de subalternidades. Abordaremos nuances da memória e da subalternidade, adotando uma nova nomenclatura: a dupla subalternidade, por se tratar de um escritor pobre, portanto subalterno na condição de preso, ou seja, duplo subalterno. O presente estudo abordará ainda a resistência ao discurso dominante através do testemunho de um escritor preso. Trago questões sobre a multidão e o que o preso representa dentre os muitos na construção do espaço e do discurso. Portanto, tenta-se adequar o conceito de obra literária produzida na prisão com o conceito de literatura de multidão. Escrita de muitos. Posicionamento e reposicionamento do subalterno no campo literário.

Palavras-chave: Preso. Pobre. Subalterno. Testemunho. Multidão.

Introdução

O presente artigo analisa a obra *Memória de um Sobrevivente* de Luiz Alberto Mendes. É uma narrativa que se situa numa vertente da literatura brasileira que podemos denominar escrita de pobres, moradores das periferias de grandes centros urbanos, sujeitos que **constroem** narrativas com relações fortes com a memória das comunidades que lhes deram origem, sendo considerados sujeitos subalternos. Sob este aspecto, podemos inserir a



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

^{*} Professor da Educação Básica da Rede Estadual e Municipal. Graduado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba, com Especialização pela Universidade Federal da Paraíba e pela Universidade Estadual da Paraíba e Mestrado em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: abdiascantalice@gmail.com.

obra no que se convencionou chamar de literatura de testemunho, (SELIGMANN-SILVA, 2003). Literatura de memória, fundamentada nos estudos sobre memória social e coletiva (HALBWACHS, 2009), e que traz a recuperação e representação dos momentos críticos, se tornando, assim, uma retomada e uma reconstituição do passado. (ACHUGAR, 2006)

O autor narra de forma dura, violenta e cruel, como o Estado, utilizando do respaldo legal dos Sistemas prisionais para subjugar o já oprimido em sua condição de subalternizado. Portanto é uma obra escrita por “pobre”, nestes termos, um escritor marginal, que traz um posicionamento do autor enquanto testemunho da barbárie vivenciada por ele e pelos pobres e presos do Brasil. Aborda, também, questões relacionadas à vida de Mendes na constituição de uma cultura periférica. Periferia esta que começa na década de noventa a ganhar destaque e apresentar soluções para suas crises socioeconômicas.

A literatura, como construtora de identidade, passa a ser desenvolvida não só na periferia dos grandes centros urbanos, mas também em lugares onde o silenciamento é marca pontual como forma de opressão: o presídio. O autor de memórias e autobiografias das prisões brasileiras se constitui como a voz que não se pode calar, ou não se quer calar. Portanto, refaço a pergunta de Spivak (2012) “Pode o subalterno falar?” Sendo motivado pelas inúmeras interferências externas para a construção de um sujeito isolado, individualista, mas eivado de outros elementos próprios do grupo, da periferia, da qual este narrador faz parte, o escritor preso tenta se dizer, tenta se inventar, se autoinventar, se reconstruir para poder se afirmar, sendo que, em “decorrência da falta de proteção coletiva e do esgotamento das instituições, vive-se entregue a si próprio, se autoinventando e procurando saídas no interior de espaços privados e solitários.” (SOUZA, 2011, p. 35). Notadamente, este sujeito que se reconstrói e se autoinventa, se autoficcionaliza. Transforma-se em outra imagem de si no discurso proferido, possibilitando a construção de um *ethos*, pois mostra que o “locutor pode escolher mais ou menos livremente sua *cenografia*” (AMOSSY, 2011, p. 16).

O objetivo deste texto é analisar a escrita de preso, observando os trânsitos entre o ficcional e o autobiográfico, associando-os aos estudos da memória, da literatura e do testemunho de um escritor pobre que se posiciona a partir da condição subalterna de presidiário.

Portanto, formulamos a seguinte pergunta, que será respondida ao longo deste texto: Como o preso, que através de suas memórias e escrita de si, se posiciona e se afirma no campo literário para resistir ao sistema opressor em que ele está inserido, depositado e do qual ele, representante dos muitos, é testemunha?

Serão apresentadas, ainda, questões relacionadas com a escrita de preso e seus posicionamentos na construção e constituição de uma identidade. Observa-se, também, o posicionamento do escritor pertencente à periferia e habitante de um presídio de segurança máxima, na condição de ser pobre e preso em sua subalternidade. As vozes, na maioria das vezes impedidas de serem proferidas, tentam-se concretizar na escrita.

Trago questões relacionadas com a literatura marginal e a escrita de pobre, abordando o papel da multidão como construtora de uma identidade coletiva, autogovernada e orgânica. Para tanto observa as pesquisas feitas por Virno (2013) e Justino (2012a) que discute as produções literárias brasileiras contemporâneas, relacionadas com a Multidão. Para aquele “a multidão é a forma de existência política e social dos muitos enquanto muitos: forma permanente, não episódica nem intersticial” (VIRNO, 2013, p. 9), enquanto que para este ao discutir a literatura de multidão classifica, mostrando que “Os muitos são tanto do lugar, partilham uma vizinhança próxima e os problemas comuns [...], quanto operam no cotidiano com diversos alhures, econômicos, culturais, linguísticos, etc.” (JUSTINO, 2012a, p. 202)

Como respaldo teórico, busca-se conhecer a noção de pobreza e das produções artístico-literárias escritas nestes espaços de conflitos de identidades. Espaços de conflitos ideológicos tão aflorados para aqueles que os vivenciam, e os habitam. Alguns autores abordam muito bem a questão da marginalidade, da periferia, da exclusão, além, também, de discutir o teor testemunhal da literatura de prisão e de periferia. Sobre a escrita do testemunho e dos excluídos, mostrando que “o testemunho é subjetivo e, por esse lado, se aparenta com a narrativa literária em primeira pessoa.” (BOSI, 2002 p. 222).

Pode o preso falar? Numa sociedade que institui, em pleno século XX, a barbárie dos sistemas prisionais do século XIX mostra que o preso na condição de subalterno não pode falar. (SPIVAK, 2012). A prisão é um espaço que produz silêncios. Ela impõe no preso o cerceamento da voz. Preso, no Brasil, está intrinsecamente ligado à pobreza. Preso, pobre, membro da periferia, os muitos diluídos na massa, a multidão. Conceitos sociológicos que trilham por caminhos entre a antropologia, a história e a literatura, mas, que, durante muito tempo, não serviam como objeto de análise qualquer. O pobre em seu meio não era representado. A representação do pobre na arte, principalmente a do século XIX, era pautada na ideologia romântica do século passado. Ideologia preconceituosa e fundamentada aos olhos da burguesia.

O pobre, o subalterno, o preso, está numa ordem de despolitização, passa a ser condicionante do próprio discurso. O pobre como aquele que, pluralizando o termo são:

Marcados por um conjunto de carências, muitas vezes desqualificados pelas condições em que vivem e trabalham, enfrentando cotidianamente o confisco de seus direitos mais elementares, buscam, na prestação de serviços sociais públicos, alternativas para sobreviver (YAZBEK, 1996, p. 83-84).

O pobre numa perspectiva sociológica seria este sujeito da visibilidade. Uma estância possível de existência. Detentor de direitos, mesmo que ceifado, na maioria deles, mas que traz para a cena social um posicionamento político.

Já o subalterno, pobre também, por estar inserido na mesma classe social, começa a perder visibilidade e ser totalmente desprovido dos direitos que lhes são próprios. Seja na periferia, seu lugar de origem, seja nos espaços de subalternização em que se inserem para sobreviver, encontram o cerceamento de suas vozes. A não visibilidade do subalterno o torna desprovido de qualquer acepção de direitos. Inicia-se a imposição do silêncio com a doutrinação do subalterno. Ele, na condição de inferioridade em que se encontra, passa a não ter voz. Qualquer manifestação artística do subalterno é, até certo ponto, entendida como posicionamento de resistência.

O preso, por sua vez, totalmente invisível, por habitar uma instituição total e fechada, é colocado numa posição inferior ao subalterno. Opera-se no preso uma dupla subalternidade. A sociedade institui o apagamento total do preso enquanto ser inferiorizado. Qualquer manifestação que o diferencie dos demais partilhará em sua condição, também de subalternizado, das exclusões de um sistema opressor.

A condição do pobre e do preso nos processos de subalternização e seus posicionamentos no campo da literatura e da memória são formas de resistir às imposições das classes burguesas dominantes, promotoras de exclusões dos menos favorecidos.

Mendes, um escritor pobre, subalterno e preso: literatura de resistência

Mendes é um escritor pobre. Escrever para Luiz Alberto Mendes foi uma fatalidade. Fernando Bonassi em trabalho realizado no Carandiru – oficinas de leitura – encontrou o autor em meio às exceções como um escritor completo. *As memórias de um sobrevivente* já estavam prontas. Para, de fato, se tornar escritor precisaria de uma publicação. Aconteceu. Bonassi levou o calhamaço de papel para a Companhia das Letras surgindo a partir deste momento a instituição escritor. Mendes assume de fato o seu *ethos* da enunciação.

A prisão é lugar de imposição de uns em relação aos outros. Lugar, necessariamente, de exclusão. Qualquer um que entre aos seus portões passa a ser subordinado a outros. Este caráter de subordinação o transforma num ser subalternizado. Sendo assim, toda arte produzida dentro de instituições totais é uma arte de posicionamento. O campo literário é propício a um engajamento politizado, mesmo nas condições de um escritor semianalfabeto.

A posição do escritor preso permite a emancipação do pobre que se encontra nestas condições. O escritor preso assume a condição de subalternidade. Geralmente o preso não tem voz. Enunciar-se como representante dos muitos que se encontram na mesma condição de pobreza e de exclusão o torna como detentor da voz dos excluídos.

Mendes não é um, mas muitos que passaram por sua narrativa, por sua, agora instituída literatura, e se expressaram de diversas formas as misérias sofridas. Ao escrever sobre si Mendes se autoriza a se posicionar como escritor dos excluídos. Segundo Bosi:

É possível identificar, na dinâmica dos valores vividos em contexto de pobreza, certas motivações que levem à atividade social da leitura e da escrita. Trata-se de descobrir o leitor escritor potencial. O que me move é pensar o excluído agente virtual da escrita, quer literária, quer não literária (BOSI, 2002, p. 261).

Os excluídos, ao se posicionar como escritores, ganham estatutos de representação dos desvalidos, dos anônimos, dos ausentes, dos silenciados. Mas a tarefa do escritor, principalmente na condição de preso, deve-se ser perpassada pela função leitor. A literatura contribui para Mendes se impor como autor de si, pois como o mesmo autor narra: “olhei e namorei livro por livro, caderno por caderno. Aquilo era importante demais para mim. Eu iria construir uma nova história de minha vida, doravante. Uma história mais bonita” (MENDES, 2001, p. 443). A literatura foi para Mendes o início de uma nova identidade. Construída coletivamente, mas pautada, de certa forma, na personalidade do escritor.

As fontes, no campo da literatura, em que Mendes bebeu, contribuíram para construir uma postura crítica e assumidamente politizada diante das opressões aos membros da periferia. Ou mesmo, as posturas diante da presença constante da morte e da violência ao corpo. “Fui me apaixonando por livros. Lia em média, oito a dez horas por dia” (MENDES, 2001, p. 444). Os livros passaram a ser motivadores para que ele, Mendes, saísse a condição de subalternizado em que vivia na prisão.

Ler tornou-se um vício. Li todas as obras de Dostoiévski, Tolstói, Górkki, John Steinbeck Cronin, Scott Fitzgerald, e livros de Guy de Maupassant, Françoise Sagan, Leon Uris, Walter Scott, James Michener, Harold Robbins, Morris West, Irving Wallace, Irving Stone, Irwin Shaw, Henry James, Stendhal, Balzac, Victor Hugo, Somerset Maugham, Virgínia woolf, Arthur Hailey, Sinclair, Lewis, Henry Miller, Hemingway, Norman Mailer, Robert Ludlum, etc. (MENDES, 2001, p. 444).

Autores que povoaram o mundo de Mendes, contribuindo para a afirmação como escritor. Leitor e escritor, no caso das memórias, sempre estiveram permeando os mesmos campos de afirmação. O autor de *Memórias de um sobrevivente* é também o leitor de uma arte engajada. Mendes, ao narrar sua história de vida, assume criticamente a condição de um escritor polido, mesmo não tendo um grau elevado de instrução, mas adquiriu a performance de escritor a partir das muitas leituras que povoaram o seu mundo.

As prisões brasileiras, assim como qualquer outra prisão no mundo, passam por exercícios de isolamento da pobreza. O pobre assume o condicionamento de pertencer ao submundo da existência humana. As ausências do Estado ultrapassam os muros dos presídios e se tornam marcas, grosso modo, de opressão, de falta, de isolamento dos membros da periferia. Institui a separação social e, mesmo com as políticas afirmativas de cotas em Universidades e empregos públicos para negros, há separação racial. Sendo pobre, negro e subalterno em condições sociais críticas, a prisão é:

Portanto, um domínio no qual os negros gozam de fato de uma “promoção diferencial”, o que não deixa de ser uma ironia no momento em que o país vira as costas para os programas de *affirmativeaction* com vistas a reduzir as desigualdades raciais mais gritantes no acesso à educação e ao emprego (WACQUANT, 2011, p. 103).

Mesmo Wacquant (2011) tendo Nova York como lugar de referência, não difere das políticas institucionais brasileiras em nome da cor ou da classe social que o indivíduo faz parte. As ações afirmativas tendem a desaparecer nos espaços de barbáries. Muitos foram mortos nas celas fortes, nos corredores, nos pátios de prisões brasileiras. Muitos desapareceram sem nome, sem família, sem direitos. Assassinados pelo braço do estado.

Isso mostra uma tentativa não só da sociedade, mas principalmente do Estado em oprimir ainda mais os internos de casa de detenção e presídios de segurança máxima. Inúmeros fatores contribuem para o maior isolamento, por parte dos subalternos, moradores da periferia. Segundo Wacquant (2011):

A polícia, os tribunais e a prisão não são meros implementos técnicos os quais as autoridades reagem ao crime – como quer a visão do senso comum, cultuada pelo direito e pela criminologia –, mas capacidades políticas essenciais por meio das quais o Leviatã produz e gere, ao mesmo tempo, a desigualdade, a marginalidade e a identidade. Isso elimina a necessidade de desenvolver uma sociologia política do retorno do Estado penal ao primeiro plano do palco histórico no início do século XXI, um projeto para o qual *As prisões da miséria* é tanto um prelúdio quanto um convite (WACQUANT, 2011, p. 179).

Deve-se questionar, pois foi esta uma das maiores bandeiras de Mendes em suas memórias, com o objetivo de evitar um maior esfacelamento da sociedade marginalizada. O

Estado, eivado de vícios e orientado por uma mídia conservadora, tende a adotar políticas públicas mais enérgicas em combate ao crime. Cogita-se em pleno século XXI a implantação, no Brasil de punições idênticas para adultos e adolescentes, equiparando-os no mesmo patamar de gravidade, com a redução da maioridade penal. Isso é notório, quando correntes da sociedade conservadora pressiona o governo a tomar medidas punitivas severas a qualquer cidadão que cometa crimes. Retomando posturas radicais de violência contra presos aos moldes da punição europeia do século XIX.

A arte de Luiz Alberto Mendes é uma arte engajada. Ele se posiciona no campo da escrita como narrador-personagem no intuito de referendar e afirmar a sua denúncia. Lugar de silenciamento que, por ser narrado em primeira pessoa, assume *status* de verdade. Mendes resiste às diversas formas de barbárie acometida sobre seu corpo e sobre sua vida de ausências. Ele narra, em suas memórias, a vida na periferia. Narra todas as punições impostas pelo Estado aos grupos de excluídos. Narra as misérias vivida na prisão apreendida pelo autor.

Contrariando o senso comum, percebo a possibilidade de o pobre falar, ou mesmo a posição de preso se expressar. Percebe-se que, não só o preso fala, mas também se posiciona. O subalterno assume uma postura reveladora e anuncia as práticas delituosas do Estado, enquanto poder, contra o presidiário, que se encontra tutelado ao sistema prisional.

Ao se posicionar Mendes contraria os padrões críticos de literatura. O lugar é opressor. Ao questionar tal ambiente, corre-se o risco de ser submetido energicamente ao mesmo sistema. Mendes escreve e ao escrever, como lembra Bosi:

Dispõe de um espaço amplo de liberdade inventiva. A escrita trabalha não só com a memória das coisas realmente acontecidas, mas com todo o reino do possível e do imaginável. O narrador cria, *segundo seu desejo*, representações do bem, representação do mal ou representações ambivalentes (BOSI, 2002, p. 121).

A obra de Mendes é uma representação de um país desumano, desorientado. Narrar os apetrechos com que se monta a identidade não é fácil. Sendo ainda narrativa de denúncia feita por pobre. O autor narra seus sofrimentos, mas traz à tona as misérias dos que ficaram. Como o próprio autor mostra:

Acompanhei muitos serem destruídos, quais folhas ao vento. A maioria a dor estupidificou, desumanizou, e os fez piores do que já eram. A mim, sinceramente, não sei por quê, tornou mais sensível, mais humano, mais compreensivo e capaz de perceber o sofrimento alheio. A dor dos outros já não me é indiferente, já me preocupa e faz sofrer também, se nada posso fazer para minorá-la (MENDES, 2001, p. 476).

Na narrativa em primeira pessoa de Mendes, propõe-se a materialidade da experiência. A autobiografia institui esse dever de memória. Escreve memórias para manter

clara e expressivamente a dor dos desvalidos, do subalterno, para a posteridade. Ao se posicionar na literatura em nome dos muitos, que não têm voz, é reposicionar no campo da escrita de si a marca do narrador autor que viveu a experiência do cárcere e que poderá denunciar as opressões de um sistema prisional falido e ultrapassado. Mostrando que, em pleno final do século XX, ou mesmo no início do século XXI, quando em 2001 foi posto em liberdade, existiam práticas de tortura nas prisões brasileiras. Isto é engajadamente, uma forma de pôe em dúvida as punições do Brasil.

A literatura de prisão representa os muitos de outra periferia: a enclausurada. Escrita, não de um, mas de uma multidão que se aglomera nos pátios, nos corredores das prisões. Literatura enquanto “regra e violação da regra” (HOHLFELDT, 1981, p. 157). Literatura que obedece a certos sistemas, mas se impõe diante das tentativas de silenciá-la.

Mendes não esconde as misérias sofridas, mas também, não esconde misérias praticadas. A morte do guarda noturno, pela qual foi condenado a trinta anos de prisão, mesmo de forma involuntária, como cita na obra, representa parte das maldades praticadas. Ou mesmo o ódio que acometeu e acomete com todos que são submetidos à tortura, como o próprio Mendes cita:

Estávamos presos, ilegalmente, desde 18 de maio, passáramos três meses de torturas intensas, agora tudo terminara. O sofrimento havia sido o máximo, envelhecêramos: com exceção do Alemão, estávamos todos com cicatrizes e marcas no corpo e na alma. Ficariam para sempre. Algo fora destruído em nós. Pelo menos o que ainda nos restava de humanidade, pureza e inocência. Agora éramos cobras criadas. O ódio em nós era o mais virulento possível (MENDES, 2001, p. 399).

As marcas deixadas nos corpos daqueles que tentam se posicionar foram as mais explicitas possíveis. Torturar numa sociedade moderna representa prática contínua no sistema prisional. A polícia, de origem totalitária, como a brasileira, usa de práticas violentas de tortura. Violência causada pelo Estado, tutelar da sociedade, mas que prioriza a banalização dos grupos oriundos da periferia. Pobres, negros, desempregados, subalternos e subalternizados são, geralmente, as principais vítimas da violência cometida aos habitantes de espaços em situação de risco. Bairros que faltam saneamento, educação, saúde e acima de tudo, falta humanização, cidadania.

O menino de rua, o pequeno marginal, o adulto criminoso assumindo o lugar de posicionamento literário, como de fato o escritor assume, será sempre uma voz silenciada pelo sistema no qual o pobre está inserido. Pobre e subalterno, preso e subalternizado compõe a construção literária de renúncia e de resistência das misérias do cárcere.

A experiência da prisão, o transformou em um assassino perigoso. Franzino, mas astuto quando a necessidade falava mais alto. Foi assim com o Toinho, que tentou seviciá-lo, mas encontrou a morte, pois como mostra o narrador das memórias:

O que ele não contava era com a loucura de quem se sente acuado. Sabia que aquele talvez fosse meu último pulo, a última defesa, se não desse certo, ou não viveria mais, ou não seria mais o mesmo. Era preciso dar todo gás à máquina de destruição em que me transformara. Pulei na faca, já empunhando-a, quando ele avançou num passo de capoeira, já a recebeu na boca do estômago. [...] Só parei quando o vi virando os olhos, estava morrendo. Ofegante, todo sujo de sangue, olhei-o bem, sem dúvida estava moribundo (MENDES, 2001, p. 417-418).

Narrar a morte realizada por suas próprias mãos, aproxima a narrativa autobiográfica de um relato cuidadoso de si. Mendes, sem impor retratos moldados por uma aceitação generalizada da sociedade, reconstitui uma narrativa. Diferentemente do memorial de um Revière, tentando se proteger da punição, narra os motivos que levaram a matar sua mãe grávida, sua irmã e seu irmão Mendes, em sua narrativa, busca não fingir aos olhos de um possível interlocutor. Sendo assim, propõe ao final do livro uma remissão das misérias produzidas:

No final o que posso dizer? Que estou bem, que apesar de tudo o que aconteceu, das mil vezes que desisti e das mil e uma que retomei, eu estou legal. Claro que há mazelas, hábitos e nervos em frangalhos, ninguém vive o que vivi impunemente. Há que pagar o preço, e confesso que é muito, mas muito mesmo, alto. Mas estou tranquilo e em paz. Aprendi algumas coisinhas. Aprendi principalmente, a gostar de pessoas e até a amá-las, às vezes. Claro que existem as que detesto. Mas acho que consegui entender um pouquinho desse tumulto, desse aparente caos e loucura que é o ser humano (MENDES, 2001, p. 477).

Mendes, em suas memórias, narrou o sujeito eivado de vícios. Construiu uma nova identidade. Sujeito que se narra. Sujeito que se constrói. Sujeito que se reconstrói. Construtor de uma literatura engajada e, mesmo pertencente à periferia, se posicionou diante da sociedade caótica em que o autor-narrador-personagem está(va) inserido.

Discurso do subalterno: pode o preso falar?

Partindo da ideia de Spivak (2012), como pode em um país extremamente opressor o pobre falar? Esta concepção se torna mais grave ainda na reformulação da pergunta como proposta no título deste subitem. Pode o preso falar? A resposta mais imediata que temos disponível é um grave “não”, não pode. Mesmo sabendo das políticas intersubjetivas dentro dos presídios, onde alguns presos detêm todo o poder, superando, muitas vezes, o próprio poder estatal, o preso não pode falar. Mendes em suas memórias falou, ou melhor, narrou momentos críticos da vida de um “eu” que superou as duras punições sofridas.

O silêncio do pobre é marcado pelo estigma da própria pobreza. Ser pobre é pertencer a um campo de ausências. A um estigma marcadamente relacionado com o estereótipo. O preso no Brasil leva no campo da significação o estereótipo da pobreza. Ser preso é ser pobre. Punição é atribuição necessária para conter a pobreza em sua rebeldia. Preso e pobre são categorias estigmatizadas pela própria existência (GOFFMAN, 1975).

Num espaço de conflito, propor uma literatura de resistência como forma de emancipação das periferias, passa a se assumir um posicionamento diante de realidades distópicas, como bem cita Teixeira:

Trata-se, com frequência, de urbes distópicas que atualizam, reescrevem e/ou subvertem os mais perturbadores desencontros literários do ser humano com o mundo moderno, como, entre outros, as memoráveis errâncias urbanas da escrita beckettiana ou as estampas da cidade infernal presentes em *Le città invisibili*, de Italo Calvino (TEIXEIRO, 2013, p. 61, grifo do autor).

Esta distopia presente na periferia é ampliada na escrita das prisões. Lugar extremamente significativo para os estudos subalternos analfabetos. Ser preso no Brasil é, também, não dominar a escrita. Qualquer adversidade com relação a esta realidade representa uma impossibilidade. Mendes superou todos os estigmas e estereótipos. Alcançou notoriedade a partir de sua escrita produzida na prisão.

Realidade e pobreza são inerentes a favelização. Na favela surge a constituição do mito da marginalidade. A mobilidade urbana na favela constitui o espírito dos indivíduos localizados e focados na ação da própria periferia enquanto espaço autogovernado. Sendo o mito da marginalidade uma realidade social, como afirma Perlman:

A marginalidade é um mito, e também a descrição de uma realidade social. Na qualidade de mito, serve de fundamento para crenças pessoais e interesses da sociedade; suas profundas raízes no espírito dos indivíduos não se deixarão abalar por qualquer análise teórica. Na qualidade de descrição de uma realidade social, refere-se a um conjunto de problemas específicos que precisam ser abordados desde um ponto de vista teórico diferente, a fim de que seja, corretamente compreendida (PERLMAN, 1977, p. 285).

A marginalidade na literatura serve de contraponto a certas realidades que são narradas nos diversos meios de construção ideológica de um grupo. É na favela que a voz do pobre passou a ser marcada como posicionamento no campo do saber. Autores como Paulo Lins, Ferréz, o próprio Luiz Alberto Mendes, passaram a ocupar um espaço de escrita literária. Escrever sobre a periferia é fincar os pés na própria periferia. O espaço dos centros urbanos burgueses como *locus* da criação literária sofreu nestas obras uma desconstrução. A favela, o bairro pobre, o presídio passou a ser lugares de proliferação de textos literários.

Mendes, em sua obra, narra os espaços, não só de bairros pobres da Grande São Paulo, mas os espaços em que as misérias são mostradas. Becos, calçadas, lugares ermos e sombrios, frios, espaços de silêncios institucionalizados. A periferia na obra de Mendes é diluída em todo o espaço urbano, dos grandes centros aos bairros mais pobres, dos reformatórios aos grandes presídios passam a ser lugar de enunciação da pobreza e do ente marginal. Numa acepção dúbia recepciona tanto o que está à margem, como aquele que pertence à bandidagem.

Nascimento (2009) ao discutir o termo literatura marginal traz como destaque a problemática do sujeito criador de arte da periferia e a própria condição do marginal enquanto produtor de literatura:

considerarei que esta era apenas uma das possibilidades de emprego ou atribuição de significado geradas pela associação do termo marginal à literatura. Isso porque, como uma rubrica ampla e de entendimento quase sempre problemático, a expressão “literatura marginal” serviu para classificar as obras literárias produzidas e veiculadas à margem do corredor editorial; que não pertencem ou que se opõem aos cânones estabelecidos; que são de autoria de escritores originários de grupos sociais marginalizados; ou ainda, que tematizam o que é peculiar aos sujeitos e espaços tidos como marginais (NASCIMENTO, 2009, p. 20-21).

Mesmo sendo o termo marginal eivado de uma carga semântica negativa autores da periferia utilizam o termo como forma de emancipação. Ser marginal, longe de ser atribuição relacionada à bandidagem é uma forma de se enunciar para seus leitores e seus interlocutores da mídia impressa. É assumir a potência dos pobres. Para os escritores das margens brasileiras. Falar é condição política e politizada. É marca indelével para aqueles que não se faziam ouvir.

Os autores de periferia denunciam a situação em que eles se encontram. O escritor da periferia, neste estudo, o escritor de prisão, produz um discurso que, de forma mais concreta se posiciona diante das posturas violentas do poder. Sendo assim, a forma como anunciam suas personagens, seus símbolos, parecem conflitante aos leitores acostumados com a tradição literária. A linguagem foge dos padrões estéticos das altas literaturas, produzindo, na maioria das vezes, com certo desdém a sociedade ali representada. Como citam Santos e Fux (2013):

A violência do discurso reside nas subversões à norma culta da língua, que podem até agredir nossos olhos e ouvidos, assim como os palavrões e as gírias, idioletos que fazem parte da cultura dos guetos e dos pobres, classificados, muitas vezes, como *falta de cultura*. Nesse sentido, a palavra ganha força, justamente, por representar uma cultura subjugada, recalçada pelo *status quo*, alijada do que definimos como língua pátria – aquela que acatamos como representativa do grupo social do qual fazemos parte (SANTOS; FUX, 2013, p. 88, grifo do autor).

A forma de linguagem, a gíria, a violência expressa, são performatividades da favela, do silêncio das prisões. Passa-se a ser o teor testemunhal do pobre e do preso que ganha notoriedade a partir da escrita em meio ao conturbado mundo das exclusões.

O poder se posiciona energicamente frente às posturas do pobre e sua corporificação dentro da periferia. Muitas vezes, o poder constituído, assustado com os avanços do mundo, oprime os já oprimidos, sonogando-os qualidade de vida, segurança, ocupação adequada dos espaços favelescos, acessos à saúde e educação de qualidade. Cabe ao dono da voz, que na maioria das vezes é silenciada, gritar e se impor no campo da literatura. Mesmo sofrendo opressão por parte daqueles que detém o poder.

A língua daqueles que não têm voz é ferina; bastarda e rejeitada, mesmo quando adquire materialidade, através da literatura, não é reconhecida como tal – no máximo, é rotulada de “subliteratura”, ou literatura panfletária. Entretanto, ela teima em emergir na sociedade e, cada vez mais, graças a perspectivas distintas, oferecidas pelos estudos culturais e subalternos, vem sendo acatada como um instrumento de reconhecimento dos mais variados substratos sociais e de matizes da nossa própria sociedade. Essa “língua bastarda” adquire potencialidade, ao desestabilizar o discurso oficial, mesmo que (ou até por causa disso) se valha de elementos da língua vigente, dos meios de distribuição e da mídia instituída. Trata-se, portanto, de uma narrativa de resíduos [...] (SANTOS; FUX, 2013, p. 88, grifo do autor).

Longe de ser panfletária, Memórias de um sobrevivente denuncia as mazelas da periferia, mas de forma mais clara e necessária, a vida na prisão. Luiz Alberto Mendes além de ser um escritor marginal é o dono da voz, num espaço que não se constitui, normalmente, campo de criação literária contra a hegemonia dos opressores.

A estudiosa indiana Gayatri Spivak (2012) mostra que a:

Exclusão da necessidade da difícil tarefa de realizar uma produção ideológica contra-hegemônica não tem sido salutar. Acabou por auxiliar o empirismo positivista – o princípio justificável de um neocolonialismo capitalista avançado – a definir sua própria arena como a da “experiência concreta”, “o que realmente acontece”. De fato, a experiência concreta que garante o apelo político de prisioneiros, soldados e estudantes é revelada por meio da experiência concreta do intelectual, aquele que diagnostica a episteme (SPIVAK, 2012, p. 37, grifo da autora).

Não é tarefa fácil para o produtor de literatura poder falar o “que realmente acontece”. Um poder soberano controla todo o campo intelectual e as margens se tornam suprimidas pelas imposições da burguesia dona do poder econômico, cultural e consequentemente, intelectual. Trago a discussão de Spivak (2012) que trata da “violência epistêmica”, na qual o subalterno, por não poder falar, é conduzido a receber a fala de outro. Neste caso, o ser da periferia deixa de ser subalterno, mas torna-se subalternizado, pelo

discurso do intelectual. Se o pobre ou o subalterno não pode falar, não poderá também se constituir como dominante diante dos discursos propostos pelo outro dominante.

Ocorre nesta ocasião, um duplo erro: fragiliza o enunciador pertencente à periferia, em nome de um produtor do discurso transformado pelos que não entendem da margem. Neste caso, o poder constitutivamente não pode se portar diante dos discursos dos pertencentes à periferia, fragmentando ainda mais o sujeito da margem.

Antes da década de noventa muito pouco se discutia sobre o pobre e sua relação com a literatura. Poucos teóricos haviam se debruçados os estudos sobre literatura e pobreza. Na década de oitenta, Roberto Schwarz publicou *Os pobres na literatura brasileira* (1983), discussão que se tornou referência básica para os estudos da literatura e da pobreza. Leva se em conta o estágio no qual o pobre passa a ser personagem. Só na década de noventa é que a periferia (pobreza) passou a se posicionar no campo do saber, não mais apenas como personagem pobre e marginalizado, mas escrita de pobre em que o pobre entra em cena no campo editorial.

A literatura passa a ser um campo de confrontos entre pobres escritores e leitores pertencentes às diversas classes sociais. Extratos da sociedade que passaram ultimamente a consumir uma literatura que tem o pobre como produtor, marcado, com a presença de pobres, nos espaços de ação das personagens. Mendes ocupa, hoje, espaços nunca antes imaginados. Publicou, além das *Memórias de um sobrevivente*, editado pela Companhia das Letras, *Às cegas*, nos moldes memorialísticos, também pela Companhia das Letras, *Tesão e Prazer - Memórias Eróticas de um Prisioneiro*, Editora Geração e *Cela Forte*, um livro de contos editado pela Global, além de escrever diariamente no blog da Revista Trip: Mundo Livre, suas lembranças e as posições engajadas assumidas diante da sociedade atual.

Mendes em seus livros, na condição de pobre, na condição de narrador da pobreza expõe a coisificação dos sujeitos representados num processo de objetificação e abjetificação. O ser narrado não só é marcado como objeto, coisa, mas num estágio mais deplorável ao se tornar abjeto, levando os torturados à condição de extrema miséria humana, não no sentido de miséria econômica, mas nos processos mais fortes de humilhação.

Memórias de um sobrevivente: escrita de muitos, performatividade da multidão

Memórias de um sobrevivente é uma obra baseada na vida de Luiz Alberto Mendes. Memória e escrita que permite a cristalização do passado e a persistência de se afirmar no futuro. Mendes ao narrar suas memórias, construiu personagens, solidificou suas ideias, resistiu ao mundo de conflito que ele, possivelmente viveu e narrou. As memórias, produzidas

coletivamente, permitem ao autor-narrador-personagem a permanência no mundo da significação.

Os discursos, evitados muitas vezes de vícios, se constituem como argumentação dos que querem se dizer. Memória e escrita, por mais que seja antagônico, no sentido de que, a memória é também esquecimento, são dois campos de afirmação do sujeito da enunciação. Lembrar para não esquecer. Escrever para poder se afirmar.

Memória, história, literatura, testemunho são áreas de conhecimentos que se aproximam, assim como também se organizam como discurso constituinte. Testemunha-se uma realidade apreendida e, claro, uma realidade reconstruída. A literatura testemunhal e seu campo de atuação, por ser empreendimento artístico, sempre trarão marcas que são próprias do discurso literário. A história, por sua vez, negligencia, até certo ponto, o discurso do sujeito da margem. Sendo, muitas vezes, silenciados por imposição. O autor do cárcere, em seu discurso, resiste às demandas impostas pelo poder. O Estado enquanto detentor do controle do cidadão preso se torna em antagonista do narrador. Este, por sua vez, assume o papel dos muitos que não se fazem ouvir.

Observa-se que Mendes em seu discurso memorialístico a barbárie produzida pelos donos do poder, impondo aos internos de uma instituição para recolhimento de menores de idade, ou mesmo de um presídio os mais bárbaros meios de ferimentos aos direitos individuais e coletivos. Verifica-se no discurso do autor inúmeras mazelas impostas a quem não podem ser ouvidos.

Traz-se a hipótese de que a literatura de testemunho, no caso, as memórias de um escritor preso, inaugura um novo estatuto da linguagem. Impondo assim, a possibilidade de um novo *ethos*. Reivindicar o direito de uma multidão silenciada, ou mesmo assumir um compromisso de “um” com os “muitos”, é de fato resistir em nome de uma política de inclusão e de conscientização de um povo.

Partindo da concepção de testemunho citada por Seligmann-Silva (2005) a relação entre a voz do presidiário e sua posição como testemunha diante dos muitos que ele representa, mostra que a “necessidade é entendida quase que exclusivamente em um sentido da necessidade de se fazer justiça, de se dar conta da exemplaridade do ‘herói’ e de se conquistar uma voz para o ‘subalterno’”. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 89, grifo do autor). Hoje, com os diversos posicionamentos da periferia, criou-se uma nova metodologia teórica para se entender o advento dos sujeitos oriundos da margem. Esta posição antagônica entre centro e periferia está sendo diluída, uma vez que, os autores da periferia estão assumindo

espaços, antes ocupados pela elite cultural de uma nação, representando um posicionamento da periferia para o centro-periferia. Nestes termos, a margem ainda se faz margem, mesmo ocupando espaços nunca ocupados. A década de noventa surge como advento da periferia, principalmente na literatura. Outras artes estão assumindo espaços próprios de uma concepção tradicional de manifestação artística. Hoje, no Brasil, o grafite, apenas como ilustração, tem assumido posicionamentos, não só como afirmação nacional, mas também impondo uma cultura da “favela” para outros ares em países outros.

As memórias de um sobrevivente traz como destaque a postura assumida por um preso, não como ação afirmativa, mas como um posicionamento de um escritor pobre que, pertencendo à periferia, e da própria periferia anuncia o testemunho. Narrando fatos de violências sofridas pelo sujeito marginal e marginalizado, dentro do campo da subalternidade.

A periferia entra em cena para impor o discurso do pobre como aquele que se faz de forma engajada. Mendes institui um novo estatuto da literatura de periferia. O discurso do sujeito, habitante da periferia, valida, de certa forma, o sujeito autor. Em suas memórias ele assume um pertencimento da margem de forma mais expressiva por ser escrita de presidiário.

A literatura de Mendes longe de ser apenas memorialista, ocupa um espaço de questionamento fundante do mundo que o cerca. Muitos autores, assumindo posições discursivas radicais por negligência da sociedade detentora do poder, denunciam as misérias sofridas. Denuncia as ausências impostas pelos controladores de Estado. Mas assume no campo literário de pertencimento ao mundo da criação e o posicionamento da periferia adentrando aos meios próprios do centro. Periferia e centro numa simbiose entrelaçam suas colaborações. Pobres e subalternos que participam da vida ativa dos centros urbanos e classe média que adentram à periferia para o consumo de seus produtos. Festas, bailes funks, etc. Além, claro, da classe média oriunda da própria periferia, detentora de poder econômico, consumindo produtos de grife da classe alta.

A periferia é detentora de uma ideologia. São os muitos diluídos na multidão, que de certa forma homogênea, congrega toda a heterogeneidade das massas. Multidão, aqui, não como o conceito de povo, mas como um aglomerado de organismos que se auto definem. Como Justino afirma:

Chamo-as literatura de multidão porque semiotizam uma “quantidade infinita de encontros” e pressupõem horizontes dialógicos e contraditórios ao multiplicarem o número de personagens na trama e os seus percursos pela cidade (JUSTINO, 2012b, p. 82).

Reformulando o pensamento de Achugar (2006) a periferia, diferentemente das questões políticas adotadas numa concepção global, presentifica seus espaços e assume a condição de controladora do discurso. Discurso que pertence ao campo da resistência. Sendo que: “a periferia não qualifica nem desqualifica um pensamento, mas o situa”. (ACHUGAR, 2006, p. 90). Situa o discurso, que também se estrutura como discurso constituinte, marcadamente, representando a persistência do pobre ao pertencimento do *habitus* e em que ele se posiciona.

A classe subalterna erige do seu *status quo* para assumir como representante, “enquanto sua condição econômica” (BOURDIEU, 1982, p. 193) a classe e o grupo o qual ele pertence. Pois:

Enquanto os artistas e os escritores “burgueses” (DOMINANTES-dominados) encontram no reconhecimento que o público “burguês” lhes concede e que muitas vezes lhes assegura condições de existência quase burguesas, as razões para assumirem o papel de porta-vozes de sua classe, à qual sua obra dirige-se diretamente, os defensores da “arte social” (dominantes-DOMINADOS) encontram em sua condição econômica e em sua exclusão social os fundamentos de uma solidariedade com as classes dominadas que erige como princípio primeiro à hostilidade com relação às frações dominantes das classes dominantes e com relação a seus representantes no campo intelectual (BOURDIEU, 1982, p. 193).

Dominantes e dominados entram em conflito na busca de posicionamentos, no que tange a literatura, como afirmação de um discurso. Literatura marginal, escrita de Pobre, voz do subalterno e por fim escrita de preso foge aos padrões de escrita e se afirma como discurso de resistência. Escrever na cadeia, superando as diversas práticas de aniquilamento dos sujeitos, ali jogados, representa um ato de afirmação discursiva do pobre. A escrita de presidiário foge os padrões de escritas no Brasil.

O livro não era para ser editado, pois a obra pertence a uma crise: guardar os manuscritos de um livro de quatrocentas páginas em uma cela já representa a superação. Pobre, sem recursos, preso e torturado, vítima duplamente. Morte física e morte simbólica. Física nos “frangalhos” de seu corpo, simbólica com o apagamento da escrita. A obra perdurou e Mendes com seu discurso de resistir às imposições do poder posicionou no campo literário a voz dos muitos ali trancados.

Isso permitiu a construção de um novo estatuto da periferia e da prisão, através da escrita de presidiário. Que assume uma nova personificação identitária e afirma como novo sujeito da literatura, mostrando que o sujeito muda seu mundo, seu grupo, seu eu:

O crime, a malandragem, a ideia que perseguira desde a infância, de ser bandido, malandro, foram se afastando do meu foco de visão. Agora aquilo era muito pouco para mim diante dos horizontes que divisava. A cultura, o aprendizado, levavam-me

a fazer uma releitura do mundo. Havia um lado melhor, e eu queria pertencer a ele. Claro que a cultura do crime que assimilara desde a adolescência ainda era, de certa forma, dominante em mim, mesmo que então não conseguisse perceber. Estava no meu sangue, nos meus ossos, demoraria a vida toda para conseguir um certo equilíbrio com a cultura social (MENDES, 2001, p. 468-469).

O Luiz Alberto Mendes malandro assume, ao final da narrativa, uma postura pacífica, mas, altamente amadurecida, pelas leituras, pelas amizades, pelas barbáries sofridas. O mundo intelectual que ele se apoderou contribuiu para uma formação identitária engajada, mostrando que o pobre, mesmo num estado extremo de subalternidade pode emancipar-se. Engajado politicamente, Mendes bebeu das fontes filosófico-literárias mais profundas e complexas. Assim, Mendes mostra que:

Aos poucos fui me definindo pelos filósofos mais contestadores e revolucionários. A lógica foi se impondo ao meu raciocínio, e as peças foram se encaixando de modo sistemático. [...]
Meu negócio era acumular conhecimento, pois acreditava que isso me valorizaria para os outros. Eu carecia de importância, e queria chocar com um tal volume de conhecimento e informações que me destacasse da minha condição prisional (MENDES, 2001, p. 467).

O intelecto ajudou ao Mendes se autorizar a representar os muitos. Muitos que não tiveram as mesmas oportunidades, mas que passaram em sua narrativa como construto da identidade do autor-narrador. Este autor, pertencente aos muitos, introduziu-se na multidão, não como o Uno, com voz, mas como os muitos, presos, também que se fizeram representar-se: Renato, China, Zito, Luizinhos, Célio, Branco, Chepa, Bala, Nelsinho, Índio, Zuerinha, e tantos outros que se fizeram dizer e estiveram diluídos na multidão narrada por Mendes. Todos são apenas rastros e restos de uma sociedade opressora que julgou e condenou os muitos condenados a permanecerem na margem.

Conclusão

Mendes, ao narrar suas memórias, narrou as memórias de muitos, num imbricamento de vozes marginais, que se fizeram em um, os muitos diluídos na multidão. A narrativa em primeira pessoa marca o pertencimento do autor ao campo da escrita literária. Luiz Alberto Mendes, além de ser escritor pobre, é também um escritor preso. Isso mostra uma dupla subalternidade. Por se tratar de um lugar de silenciamento, o preso não pode falar. Mendes falou, escreveu, anunciou, não um, o próprio Mendes, mas muitos, os vários membros da periferia que trilharam os mesmos caminhos de ausências que o pobre precisa passar. Na condição de preso, as ausências superam estágios de humanização, alcançando a barbárie no corpo do subalterno.

Mendes, ao escrever assume um novo estatuto literário. A literatura do presidiário é também de testemunho. Mendes testemunha, via de regra, sua fragilidade diante de um estado opressor. Ele assume a condição de subalternizado pelos representantes do poder. Ao testemunhar, usando a literatura como discurso de afirmação, ele referenda aos muitos que participam da narrativa a condição de se ter voz. Voz, ou mesmo vozes, que não queriam se calar. Resistiam aos inúmeros discursos opressores e se posicionaram diante da mazela acometida.

Ser preso no Brasil é estar em pleno conflito com o mundo que o cerca. País de inúmeras desigualdades sociais, que violenta a pessoa humana nos seus espaços de culturalização. A periferia é silenciada. Periferia que se tornou representada, logo após a década de noventa com os diversos escritores, oriundos de bairros pobres. Escritores que se fizeram anunciar. A obra em análise traz já no título a condição de sobreviver. Mendes sobrevive e narra sua sobrevivência. Mendes ao narrar suas memórias dá voz àqueles que não puderam ser representados. Narrar à sobrevivência é, também, afirmar-se como testemunha de uma fatídica cena.

Mendes se reinventa. Posiciona como sujeito do discurso e resiste às práticas de violências causadas aos subalternos. O autor, cuidadosamente, constrói-se e ao se construir, corrobora com a multidão, que na sua heterogeneidade, faz-se detentora do estatuto dos muitos no campo literário. Multidão enquanto muitos. Multidão que se posiciona. Os muitos, presos, narrados por Mendes pertencem ao seu lugar de escrita. Um *ethos* discursivo que instaura e valida o pertencimento do autor à periferia.

Morador de rua sentiu na pele as misérias de ser um subalterno. Residente de um reformatório instaurou uma personalidade regrada pela miséria e pela tortura. Interno de uma casa de detenção soube apreender o discurso autoritário. Preso em um presídio de segurança máxima iniciou sua ressignificação.

Mendes, neste caso, assume uma dupla subalternidade. É pobre, morador de periferia, portanto silenciado, e se encontra, ao produzir sua narrativa, na prisão. Duplo subalterno. A subalternidade, estudada numa concepção politizada do oriente pela estudiosa Spivak (2012) é aqui adotado como o ser, numa condição de dominação pela classe detentora do poder, subordinado e excluído.

Mendes é um subalterno que tem voz. Na era da reprodutibilidade técnica o pobre supera as ausências e os silêncios impostos para se impor como escrita (BENJAMIM, 1985). A voz das prisões, instituições que amordaçam, saiu dos manuscritos de Mendes para a

publicação, referendando ao sujeito da margem o pertencimento no campo literário. Pertencimento ao *locus* em que a narrativa é produzida. Os muitos, presente na obra de Mendes, são todos que estiveram como sujeitos e autores concomitantemente ao próprio produtor da escrita de si. Mendes é o Uno, mas também é um outro possível. Pobre, subalterno e preso.

O autor questiona o Estado, enquanto sujeito que deveria proteger e não humilhar. O Estado que tem a tutela do presidiário deve produzir as penalogias condignas com o crime cometido. Mas o próprio Estado ia além. Torturava, violentava, agredia todos, que sem acesso à informação, na ausência da família, na não receptividade de direitos, encontrava na polícia, braço Estatal enquanto poder, praticante das mais duras penas de um crime qualquer.

O autor das memórias narrou, como testemunha, a fragilidade de seu grupo. Os muitos, presentes no lugar da enunciação, superaram as linhas da escrita e condicionaram-se a serem vozes. Bala, Mestiço, Magriça, Ivo, Baianinho, Indinho, Carequinha, os irmãos Simioto, Boa Ventura e Cocada, todos silenciados, mas que se fizeram representar por Mendes. Multidão. Muitos. Favelados. Moradores da periferia. Indistintamente apoderaram do discurso do outro para se fazerem validando o discurso do pobre, do subalterno, do preso.

Mendes escreveu, narrou e ressignificou, mostrando para os leitores o poder das suas palavras. Através da literatura e do campo simbólico que esta representa o autor das *Memórias de um sobrevivente* pode se posicionar como aquele que resiste à miséria, resiste à prisão, resiste à tortura. Mendes com sua obra busca anunciar para a posteridade as opressões e as violências da prisão brasileira do século XX, desde 1970, quando este foi preso por homicídio.

Referências

ACHUGAR, Hugo. *Planeta sem bocas: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

AMOSSY, Ruth (Org). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

BENJAMIM, Walter. *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. 3.ed. Brasília: Editora Brasiliense, 1985.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1982.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1975.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2009.

HOHLFELDT, Antônio. Marginalidade e sua condição. In: FERREIRA, João Francisco. (Coord.). *Crítica literária em nossos dias e Literatura Marginal*. Porto Alegre: UFRGS, 1981.

JUSTINO, Luciano Barbosa. Literatura de Multidão: os jovens e a produção do comum na literatura brasileira contemporânea. In: _____ (Org.). *Narrar a Juventude: dos Colégios Jesuítas às demandas do país*. João Pessoa: UFPB, 2012a.

_____, Literatura de multidão: a potência dos pobres na literatura brasileira contemporânea. *Revista Graphos*, João Pessoa, v. 14, n. 1, 2012b.

MENDES, Luiz Alberto. *Memórias de um Sobrevivente*. São Paulo, Companhia das Letras. 2001.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Vozes Marginais na Literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

PERLMAN, Janice E. *O mito da marginalidade: favelas e políticas no Rio de Janeiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SANTOS, Darlan; FUX, Jacques Litera-Rua: a cultura da periferia em Capão Pecado, de Ferréz. *Revista Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, n. 41, p. 87-98, jan./jun. 2013.

SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas Indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

TEIXEIRO, Alva Martínez. A plenitude de um vazio em que a pobreza não é mais paisagem: a periferia em Paulo Lins e Ferréz. *Revista Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, n. 41, p. 61-86, jan./jun. 2013.

VIRNO, Paolo. *Gramática de Multidão: para uma análise das formas de vida contemporânea*. Tradução de Leonardo Palma Retamoso. São Paulo: Anablume, 2013.

WACQUANT, Loïc. *As prisões da miséria*. Tradução de André Telles. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

YAZBEK, Maria Carmelita. *Classes subalternas e assistência social*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1996.

[Recebido em fevereiro de 2015 e aceito para publicação em junho de 2015]

Subaltern and the speech as resistance: a double subordination, poor and imprisoned

Abstract: This article analyzes the work *Memoirs of a Survivor*, Luiz Alberto Mendes, to have been produced on the prison experience; he puts himself in testimonial literature condition, the author assumes a condition of subaltern. The construction of this work it is performed by memory resources and fits what is denominated testimonial literature. Is therefore literary work propitious TO STUDY Memory and sociology, as preserves itself, Beyond the Own Literary Feature, numerous other interpretive possibilities. It brings the memory and the author's own life story elements, telling the critical moments experienced by him in childhood, suffocated by his father as a teenager, enclosed in reformatories , and his adulthood, in a prison in São Paulo. Moments of strong relations of subalternities. Discuss nuances of memory and subordination, adopting a new nomenclature: a double subordination, because it is a poor writer, so subordinate in the attached condition, that is, double subordinate. This study also address the resistance against the dominant discourse through the testimony of a writer prisoner. We bring questions about the crowd and in what prisoner represents among many in the construction of space and speech. Therefore, attempts to adapt the concept of literary work produced in prison with the concept of the multitude of literature. Writing of many. Positioning and repositioning of the subaltern in the literary field.

Keywords: Arrested. Poor. Subordinate. Testimony.Crowd.

